

ou menos um metro. Na parede, uma tela de pinheiros. Um grupo de poltronas estofadas de veludo vermelho, sobre um dos tapetes, era completado por uma mesinha de centro, em estilo, onde brilhava um pesado cinzeiro de cristal Boêmia.

Do lado esquerdo do amplo ambiente, estava a sala de banquetes.

Uma mesa retangular, com doze cadeiras de espaldar alto, estofadas de vermelho, aumentando sua imponência, faziam conjunto com a sala de visitas. Sobre a mesa, uma floreira de prata trabalhada, era o ornamento adequado. Junto à parede, aos fundos, um balcão de três metros, guardava aparelhos completos de café e jantar, da mais fina porcelana inglesa e mais os faqueiros correspondentes.

Sancho Pança e Dom Quixote, em estatuetas de quase meio metro de altura, em porcelana "craquelet", sobre o amplo balcão, davam as boas vindas, à sombra de um pinheiral ensolarado, que um pintor de renome passara para uma grande tela.

Do outro lado da mesa, na parede da esquerda, ao lado da porta de correr, uma cristaleira, com portas de vidro bisotados, exhibia jogos de cristais finíssimos, em número suficiente para receber um "comité".

Todos os móveis da sala nobre eram entalhados artisticamente e apresentavam esculpidas com perfeição, soberbas cabeças de leão nos cantónamentos, os quais terminavam em representações dos pés e garras do animal. Comentava-se que esses móveis eram também do acervo do Catete...

Toda a parede desse ambiente, era revestida por um lambril de imbuia, de mais ou menos um metro e oitenta, sobre o qual descansavam grandes pratos de cristal estrangeiro, alvos como prismas decompondo a luz ou vermelhos como granadas ou azuis como safiras. Diziam que a arte e o gosto requintado da ex-primeira dama os acolhera, ali pertinho, na Argentina.

Da sala nobre, uma porta levava à biblioteca ou escritório, muito bem preparado, com móveis no mesmo estilo, ainda que mais simples.

O armário de livros era fechado como portas de vidros bisotados. Algumas coleções continuavam lá, como livros de Alexandre Dumas e Tarashenko, onde estavam gravadas a história

da França e a luta desesperada da Polônia pela sua independência e autonomia territorial e política.

Cadeiras de palhinha francesa, mais leves, combinavam com um sofá, onde, após a mudança, fazia tricô, bordava até altas madrugada, todas as noites, enquanto o marido despachava, sentenciava e estudava, afastando o sono e o frio, com xícaras e xícaras de café, a fim de manter a dinâmica de uma comarca enorme, dividida mais tarde, em mais quatro.

Ao lado do escritório, uma sala de música, com uma cama turca, almofadões, uma eletrola - que já não funcionava. Contavam que o espaço vazio era de um órgão que ninguém sabia onde fora parar.

Por uma porta, ao lado do grande balcão da sala de banquetes, entrava-se na sala de almoço, que se abria para uma área revestida com lajotas vermelhas, iguais às da escadaria da frente e, além dos degraus que a terminavam, havia um espaço gramado. Esse complemento da casa, fazia imaginar tardes ensolaradas, com senhoras tomando chá e crianças brincando. Já que a casa era de sonho, por que não sonhar, pensava a mulher do juiz, enquanto tomava nota das cadeiras de madeira branca, que deviam ser do terraço.

A mobília da sala de almoço, estilo "Chippendale", guardava todas as louças, talheres e copos necessários. Tudo estrangeiro e devia ter sido completo. Mais tarde isso ficou confirmado, quando o inventário original apareceu, na Prefeitura e, na comparação, o que era de alpaca deveria ser de prata; o de vidro, seria de cristal e o que era corta-febre, constava como de pura-lã.

Posição correta a do juiz, ao exigir o prévio levantamento daqueles bens públicos, que foram por ele devolvidos incólumes com quitação oficial correspondente.

Da sala de almoço, passava-se para a cozinha, que era das mais modernas, com exceção do fogão que era à lenha. Aliás, ele era muito bonito, grande e todo revestido de azulejos com desenhos portugueses, assim como era especial a sua serpentina de água quente.

O piso da cozinha e da despensa, de bem divididos armários graneleiros, era de lajotas, como se usava nas cidades.

Um sistema hidráulico, movido por um motor, com energia produzida por um alto e lindo catavento, servia também para abastecer a iluminação.

Quando o catavento não produzia energia suficiente, havia um bom número de lâmpões petromax, que eram o normal nas casas da comarca. É verdade, que a maioria das famílias usava apenas velas e lâmpões simples. Nessa época, a falta de energia elétrica no interior era causa maior de sua dificuldade em progredir.

Qualquer juiz ficaria feliz se encontrasse em sua comarca uma casa semelhante à dos empregados, que ficava perto do catavento. Três quartos, cozinha, sala e banheiro na área dos fundos, toda de madeira sarfeada, paredes pintadas e assoalho encerado faziam daquela casa, uma excelente moradia, ainda mais que estava mobiliada a contento. O juiz enfrentava no interior muito inóspito, tantas dificuldades para se intalar, que vivia, a maioria das vezes, pobremente, com móveis até de caixotes.

Um pequeno corredor separava os três quartos, que eram uma lindeza, que tomavam uma das paredes de alto a baixo e eram funcionalmente divididos. Tapetes, cortinas e cortinados combinavam com cadeiras e poltronas e as camas eram de cerejeira entalhada. As cabeceiras eram capitonadas e os colchões, de mola. Havia um berço todo entalhado e com cortinados cor-de-rosa, onde a filha do casal passou a dormir.

Além da grande responsabilidade e do muito trabalho para a manutenção daquele rico acervo, ali vivemos, Chlorisinha, Marçal e eu, durante quase um ano e meio, as delícias de um ambiente requintado, completado com meu enxoval, que debutava no interior.

Uma casa, um pouco mais simples, do outro lado da rua, foi ocupada pelo Promotor Público, Dr. Alberto Ribeiro, sua esposa Ruth e filhos Albertino e Maria Rita, com quem fizemos excelente amizade.

A vida era singela, os sonhos ligados a ambições possíveis e as amizades muito limitadas, a fim de preservar a autonomia da Justiça e a autoridade do juiz.

Foram muitas as peripécias daqueles tempos, quando tivemos que aprender tudo, desde viver no interior até destrinchar uma galinha. Mas não havia tédio; havia, sim, muito o que fazer no dia a dia. Na cidade, através da Associação de Maternidade e Infância, que ficava sob a organização da esposa do juiz, o casal promovia a

ajuda aos mais necessitados, convivendo com a sabedoria e a bondade de toda a comunidade.

A carreira de magistrado nos levou a outras cidades, fizemos novas amizades, residimos em muitas outras casas, nenhuma porém, com o luxo e o bom gosto daquela.

Notícias, de tempos em tempos, chegavam até nós, dando conta de que aquela casa já não era a mesma, nem era mais o juiz da comarca o seu depositário.

As histórias diziam... ah, as histórias...

A vida da magistratura foi transcorrendo com a riqueza de acontecimentos que a torna tão característica, apesar de tão difícil, até que, alcançando a desembargadoria, tivemos, comemorando conosco, amigos verdadeiros de todas as comarcas em que vivemos e, com muita alegria, aqueles que despertaram em nós as primeiras saudades do interior e, que para a festa, trouxeram consigo a lembrança de extensos pinheirais.

Tivemos mais dois filhos, Liana Márcia - enquanto morávamos em Piraí do Sul; Marçal Filho, que nasceu durante o tempo de Guarapuava.

Casados, nossos filhos nos deram oito netos: Fernão, Márcio e Sérgio, da Chlorisinha e Ruy Fernando; Cid, Ivan e Gil, da Liana Márcia e Rui Antonio; Marçal Neto e Augusta, de Marçal Filho e Rosane Augusta.

Tudo é tão rápido e nem sei se enquanto o tempo passa temos consciência disso. Mas ele voa e quando olhamos para trás, parece que não passou, pois tudo está tão vivo, como que gritando aquela nossa felicidade, ainda mais que muito do sofrimento se perde no caminho.

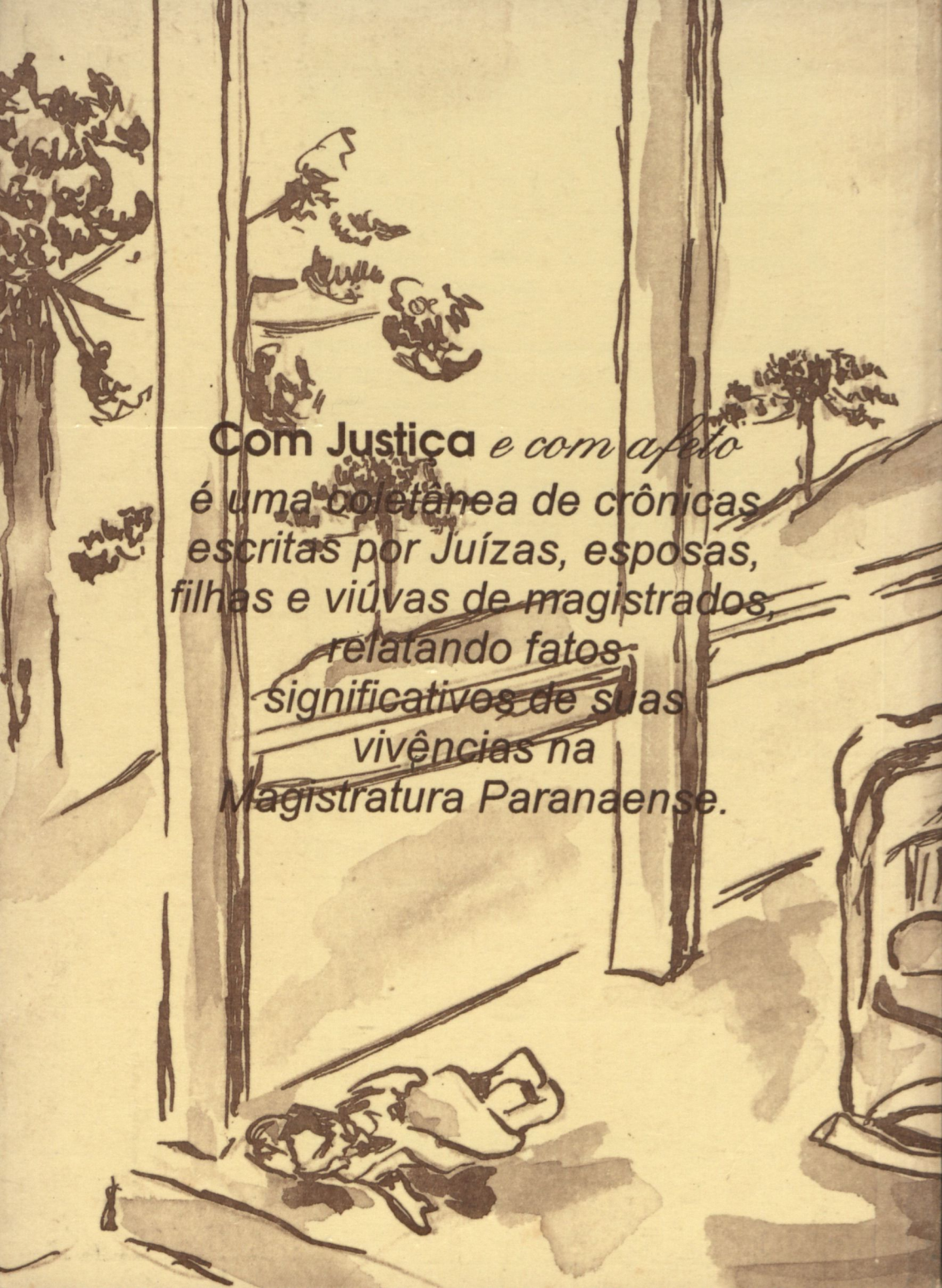
Mais de trinta anos depois, com três dos meus netos, filhos da Chlorisinha, daquela menina que comigo subira a escadaria vermelha do palácio, mais o seu marido Ruy Fernando, também Juiz de Direito, voltei a Laranjeiras do Sul e não mais encontrei aquela casa, onde vivi momentos inesquecíveis de jovem esposa do juiz, cujos cabelos ainda eram muito negros.

Um incêndio levava a casa, mas não as minhas lembranças.

Quando, cumprindo as finalidades daquela viagem, cercada por tantos amigos e autoridades, descerrei a placa de bronze, inaugurando o Fórum Desembargador Marçal Justen, homenagem

póstuma da cidade e do Tribunal de Justiça do Estado àquele que foi o primeiro Juiz de Direito da comarca de Laranjeiras do Sul, revendo toda a nossa vida e, chorando sem lágrimas, a perda maior da minha caminhada; louvando, com palmas inaudíveis, a vida de um Magistrado de escol, laureando, sem medalhas, minha família, formada com lutas, dificuldades e esperanças, agradei, comovida, todas as venturas que nos envolveram na saga extraordinária da Magistratura.

-
- *Chloris é viúva do Desembragador Marçal Justen.*



Com Justiça e com afeto
é uma coletânea de crônicas
escritas por Juízas, esposas,
filhas e viúvas de magistrados,
relatando fatos
significativos de suas
vivências na
Magistratura Paranaense.